

A ARTE PRESENTE NA COLEÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE PAULO ROSSI OSIR

LAUCI DOS REIS BORTOLUCI

MESTRE EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE

Como resultado final de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Interunidades em Estética e História da Arte, foi analisada a coleção de obras bibliográficas pertencentes ao artista Paulo Rossi Osir.

A bibliografia estudada compõe-se de livros, periódicos, catálogos, obras de referência e denota uma personalidade artística empenhada na tarefa de reunir um número significativo de títulos que compusesse uma trajetória de estudo pela qual passara o artista em sua vida.

Paulo Rossi Osir diplomou-se arquiteto em Bolonha, mas seu interesse, como era tradição na família, sempre fôra a pintura, para a qual contou com o pai, Cláudio Rossi.

Residiu em Milão de 1913 a 1920. O desejo de pintura o levou sempre ao contato com amigos artistas e a visitar incessantemente as galerias de arte. Nos tempos do Pós-Guerra, dedicou-se à antiquaria, em geral, e particularmente, à análise e história da pintura, auxiliado pelo Prof. Hermanin, em Roma. Em seu segundo período paulista, de 1920-22, dedicou-se à pintura de aquarela, executando grande número de telas.

Em 1920, Rossi Osir veio ao Brasil e trouxe consigo uma exposição de arte italiana com cerca de 300 obras. Os artistas trazidos por Paulo Rossi Osir (muitos pertencentes ao movimento macchiaioli) foram os construtores da renovação cultural que colocaria a Itália novamente no cenário europeu. Seus objetivos seriam diminuir o atraso cultural e social no qual se colocava o país, e a situação de renovação política pela unificação.

Em 1921, retorna à Europa para viagens por Paris, Praga, Viena, Munique e Veneza, voltando definitivamente a São Paulo em 1927.

Rossi Osir exerceu papel de incentivador de artes plásticas, e sua carreira internacional foi marcada notadamente nos anos de 1924 a 1927, período no qual permaneceu na Itália. Esteve em Brianza e travou relações com Donato Frísia,¹ que o iniciou na técnica da pintura a óleo e lhe proporcionou uma nova educação em museus, junto aos mestres antigos e modernos. Foi o início de sua prática com o óleo, do trabalho com essências de têmperas. Inicialmente, suas pinturas eram naturezas mortas, e depois paisagens e flores.

A cultura estética de Osir despertou a consciência dos componentes da Família Artística Paulista para o mundo da cultura e do conhecimento da arte. Reportemos-nos a Walter Zanini:²

Alguns deles (Bonadei, Graciano e Zanini) em seu esforço de ascensão, formaram pequenas bibliotecas. A de Graciano, hoje de posse de seu filho José Roberto, devia crescer desde aqueles anos. Quando se ligaram de perto a Paulo Rossi Osir é evidente que consultavam seus livros, catálogos e revistas.

O fato de que essa Coleção tenha sido utilizada pelo seu círculo de amigos é fundamental para a articulação do grupo Santa Helena, cujo foco era o metiê da pintura. Nesse caso específico, Zanini vincula a formação de bibliotecas a um indicador social, legitimando a ascensão sócio-econômica e cultural dos artistas daquele Grupo.

É possível encontrar nesta Coleção tanto obras significativas do Renascimento como livros dedicados ao movimento Macchiaioli e Novecento italianos, o que permitiu uma transmissão de conhecimento a todo o círculo de amigos que o circundava e que foram presença constante nas várias agremiações que o artista freqüentava.

A biblioteca em questão revela o olhar de Rossi, e sua importância esta no fato de conglomerar editoras que foram marcos de importância para o

1. Estudou pintura na Academia de Brera. Suas primeiras experiências revelam-se com a pintura de figuras. Depois passou a ter predileção pela paisagem. Em 1927 ganhou medalha de ouro em Bolonha na Exposição de Arte de Paisagem.

2. ZANINI, Walter. *A Arte no Brasil nas décadas de 1930-40: o grupo Santa Helena*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1991. p. 118.

processo de solidificação da nova modernidade na Itália, sendo assim um espelho da cultura regionalizada italiana, e também funcionar como uma ferramenta de entendimento do próprio pensamento de Paulo Rossi.

Da editora Valori Plastici, temos “Giotto” de Carrá (1924) e “Armando Spadini” de Soffici (1925); a obra de, Vasari “Le vite” que denota um olhar a Giotto, Cimabue, Donatello e a todo o renascimento Italiano (1859); editada em Firenze temos Bellini (1921), Luca Signorelli (1921), e Il Pontormo (1921); de Milão temos Massaccio e Ugo Bernasconi (1924). Ao mesmo tempo em que temos Soffici com a biografia de Fattori, Bellini, Modigliani Apollinaire, na qual conecta artistas clássicos a contemporâneos.(1931), vemos também de Venturi o livro sobre Piero della francesca (s.d.).

Em virtude de ter recebido uma educação estritamente técnica nas escolas italianas, podemos perceber a existência de alguns manuais como o *Méthode pratique de perspective* (1919) de Grosclaude, e *Traite de paysage* (1919) de Da Vinci.

A biblioteca traz em seu cerne artistas de fundamental importância para a formação de Paulo Rossi e para o paradigma da modernidade que ele transmitia. Ele foi um interlocutor pelo quais puderam fluir as idéias dos artistas referenciais para o espírito da modernidade. Essas idéias foram transmitidas àqueles que o cercavam, ao lado de outros como Monet, Cézanne, Picasso e Matisse.

A coleção de livros em estudo conseguiu o mérito de conjugar questões italianas contemporâneas, captadas pela sensibilidade artística e humanista de Rossi, e isso foi fator fundamental para a circulação dessas idéias entre os artistas participantes dos vários movimentos da modernidade paulista, como o grupo Santa Helena e a Família Artística Paulista, da qual foi o mentor.